

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moda forte | PORTUÇAL E COLONIAS | Franco de porte
Anno ou 24 numeros 2\$600 | Trimestre ou 6 numeros \$650
Semestre ou 12 numeros 1\$300 | N.º avulso ou pago á entrega \$120
ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS
Anno ou 24 numeros 3\$000 | Semestre ou 12 numeros 1\$500

2.º ANNO—VOLUME II—N.º 35

1 DE JUNHO 1879

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

É unico correspondente d'esta empresa na cidade de Pelotas, Brazil, o sr. Plotino Amaro Duarte.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — Exposição de Rosas no Porto, OLIVEIRA JUNIOR — Costodio José Vieira, A. G. — Motta Veiga, C. F. — As nossas gravuras — Damião de Goes, GUAÇA BARRETO — Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas, BRITO REBELLO — Ensaio e noticias scientificas, Constituição Phisica do Sol, H. DE MACEDO — O Abandono do Moinho, ALBERTO BRAGA — Bibliographia.

GRAVURAS. — Exposição de Rosas no Porto — Recita d'amadores no salão da Trindade — Costodio José Vieira — Eduardo da Motta Veiga — Olaria de Manacapuru nas margens do Rio Solimões — Medalha conferida aos expositores premiados na Exposição de Rosas, no Porto — Tinteiro que serviu no acto da assignatura da Convenção de Evora Monte — Facsimile de D. Miguel — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Maio, mez propicio ás rosas e aos senhorios, deve ter deixado saudades em muitas almas que ainda vivem da poesia das estações, expandido

regularmente os seus anhelos todos os semestres, em obediencia ao regulamento da escola que determina que todos se mostrem alegres na primavera e todos sejam tristes no outomno.

Se por ventura houver senhorios que se permitam a estravagancia de professar o sentimentalismo, a esses é que deve dar um trabalho da fortuna entristercer em novembro, exactamente quando recebem a renda das cabanas habitadas pelos romanticos!

Na primavera não admira; têm duplo motivo para isso.

Não posso explicar com bastante clareza a que proposito vem este exordio. Vem naturalmente a proposito de eu ter de principiar a



PORTO — EXPOSIÇÃO DE ROSAS NO PALACIO DE CRYSTAL, REALIZADA EM 10 DE MAIO DE 1879 (Segundo um desenho de C. Rocha)

chronica por qualquer fôrma digna e não saber como. Chama-se a isto ensaiar o vôo, se por ventura não acham immodesto que eu chame vôo a esta conversa, aliás travada assim terra a terra...

Escripitas estas linhas entremos no assumpto da quinzena, que eu verdadeiramente não sei bem qual seja.

— Tivemos concerto por amadores na Trindade. Como é sabido, aqui e em toda a parte, são de diversos preços os amadores. Estes não foram dos mais caros nem dos mais baratos; foram termo médio, motivo porque a concorrência também foi média e médios os applausos.

O theatro dos Recreios também quiz ter a sua *Missa*, em vista do que, para satisfação de tão louváveis desejos, lançou mão da do defunto e ao mesmo tempo *immortal* Rossini, como lhe chamam os *dilletanti* da escola italiana.

Os artistas affectos á *seguidilla* não parecem ter interpetrado, com a unção religiosa exigida pelo assumpto, a criação do celebre maestro. Em todo o caso os côros para se mostrarem *inspirados* segundo os usos do paiz, desafinaram o mais que lhe foi possível, procurando conscienciosamente não faltar aos seus deveres — á força de faltarem ao compasso.

As primeiras partes, debaixo do ponto de vista da *malaqueña*, andaram todavia satisfatoriamente.

— Nas camaras tem havido diversões nocturnas das 9 ás 11 e meia, a horas das familias apanharem ainda o *americano* no largo do Conde-Barão. Devo recommendar aos donos de casa este passatempo honesto, que é barato e instructivo para meninas de maior idade que por ventura não tenham ainda visto legislar.

A sala está bem illuminada; as tribunas são espaçosas, e d'ordinario nas discussões nocturnas não ha liberdades de palavra que escandalizem.

— Nos diversos theatros de declamação tem continuado a alugar-se excellentes *fauteuils* para dormir, das oito á meia noite. Entretanto o publico acha cara esta commodidade a sete tostões por cabeça e prefere dormir em casa.

— Um ou outro *Te-Deum* apparece ainda, de quando em quando, apregoado nos jornaes em communicados a 20 réis a linha. Estas expansões começam, porém, a ser unicamente usadas na provincia como um traje que já passou de moda na capital.

— Á sr.^a Pusich succedeu-se o sr. Florencio Ferreira cantando o restabelecimento de Sua Magestade n'um d'aquelles hymnos melancolicos que constituem a especialidade do auctor dos *Harpejos d'alma*, tão geralmente apreciado no noticiario portuguez e nas casas particulares.

Certos despeitos litterarios, filhos naturalmente de rivalidades d'escola, tem mais d'uma vez acusado o sr. Florencio pelo tom triste dos seus versos como se uma pessoa não tivesse o direito de usar a *tristeza* tanto por casa como na oitava rima, da mesma fôrma que usa chambre ou bigode e pera!

E demais, investigou já a critica, por ventura, a causa da melancolia do poeta?

Provavelmente nem se lembrou d'isso. Ah! então como ousa formular o seu juizo a respeito d'uma individualidade litteraria que todos nós temos direito de discutir, mas com a qual de fôrma alguma podemos ser injustos?

Pela parte que me toca, eu tomando a individualidade do sr. Florencio Ferreira como um symptoma, investiguei, por entre o pó das bibliothecas, a origem da sua melancolia e encontrei-a. Não exijo que a critica me galardoe por este feito. Brindo desinteressadamente as letras contemporaneas com o resultado das minhas locubrações.

Abrindo um volume intitulado *Bosquejo biographico*, impresso no Porto em 1874, e devido á penna do sr. Adriano Jacob Lopes, que estudou a fundo a vida e obras do sr. Florencio, leio a pagina 13 as seguintes linhas:

«Aos doze annos saiu do collegio. Só então é que elle desabafou com a familia os tormentos; porque temia queixar-se receioso de mais rigores. Sahia do tumulo para viver, para contemplar o sol e as flôres sem receio de novos tormentos. Então é que sua mãe avaliou quanto elle tinha soffrido; então é que soube por que tantas vezes o encontrou banhado em lagrimas; mesmo nos dias em que não havia lição; para estes dias estava reservado novo castigo, se, como os seus companheiros, não apresentasse mortas, n'um papel um certo numero de *pulgas!*»

Basta sr. Jacob Lopes.

É ou não é o sr. Florencio Ferreira um symptoma como eu dizia? Sim; é um symptoma dos parasitas que formigam no berço da instrução nacional. Em quanto os não catarem bem, hão de produzir sempre as melancolias que se desentranham em *Harpejos d'Alma* permanentes e constantes.

Todavia, para gloria da escola romantica, é este um d'aquelles casos em que se não houvesse pulgas seria necessario inventar-as! Sim, elimine-se a pulga do mundo e a poesia lyrica contemporanea terá de menos tres dos seus mais recentes e mais *inspirados* volumes!

Bem faz pois o romantismo em accusar de falsa a escola naturalista. E, tem razão. Ha por ventura nada mais *natural* do que o parasita que deu causa á tristeza do trovador mais sentimental da nossa patria e do nosso tempo?

Oh! Gilbert, oh! Millevoy, começo a desconfiar da vossa terna melancolia! No fundo das longas idéas e das grandes tristezas que cantasteis, por ventura estaria também a pulga?...

— Tudo presagia n'este jardim da Europa um estio encantador, como encantadora tem sido a primavera.

Para os buelicos, para os que amam seguir o vôo da mariposa na campina, enviou a providencia grandes bandos de borboletas que os telegrammas da ultima hora, publicados nos jornaes, dizem haver marchado de Peniche sobre Figueiró dos Vinhos. Para os que dotados d'instinctos mais palacianos não se contentam com a mariposa, enviou o destino um bando de principes que começa a adejar sobre as flôres. Chegou o principe Rodolpho d'Austria, chegou o principe da Baviera, vae chegar o de Monaco e annuncia-se também o da Dinamarca, e como se todos estes encantos não fossem sufficientes, como se não bastassem os attractivos que M.^{me} Amann nos promete durante as noites de verão, no Passeio publico, á ultima hora sobrevem uma crise ministerial que enche de jubilo o paiz que ha tanto tempo suspirava por um acontecimento d'esta ordem, não tanto pelos desdens que lhe merece o actual ministerio, como pela satisfação de poder dizer mal d'um outro.

— Os prélos na quinzena decorrida descansaram um pouco da faina de produção que ha dois mezes os fazia gemer constantemente noite e dia, na intenção de porporcionarem litteratura amena ao paiz que sabe lêr, que em todo o caso parece ser em quantidade inferior ao que *sabe escrever*.

— Temos entretanto uma verdadeira novidade artistica: a chegada de Bordalo Pinheiro, o caricaturista inenitavel, que depois de dotar a patria com a criação typica do *Zé Povinho* — que já agora tem de ficar na arte contemporanea como a de José Prudhomme, de Monier, na arte franceza — foi ao Brazil dotar as terras de Santa Cruz com a criação do *Fagundes* que é o Prudhomme d'além-mar, combinado em doze eguaes com o Calino do velho mundo.

Chega muito a proposito no momento offebachiano que a politica portugueza ora atravessa. A gargalhada tem ás vezes mais poder na obra de demolição do que um ariete de bronze, e realmente o leitor, em consciencia, não acha que ha por aqui muitas paredes velhas que deitar abaixo?

EXPOSIÇÃO DE ROSAS NO PORTO

Não obstante a má impressão que o viajante recebe ao percorrer os jardins publicos do Porto, é fôra de toda a duvida que a cidade invicta vae na vanguarda do desenvolvimento hortícola.

As exposições realisadas no Palacio de Crystal têm concorrido sobremodo para que o gosto pelas flôres se tenha implantado e se desenvolva de dia para dia, como effectivamente tem acontecido.

Estes certamens costumam ser encantadores e têm o prestigio de transformar por alguns dias, a extensa nave central, em opulento jardim onde se ostentam as mais formosas filhas de Flora.

Todos os horticultores e amadores que comprehendem o alcance d'estas festas civilisadoras, concorrem a ellas com os productos colhidos a troco de muitos sacrificios e de não poucos desgostos. O cultivador de plantas sente, porém, um prazer indezível em poder apresentar ao publico os fructos do seu trabalho e das suas constantes vigílias. O cultivador ama e estremece tanto as plantas como se fossem suas proprias filhas.

Conquistar um premio é o sonho dourado de todos os que tomam parte n'estes torneios, e essa medalha, essa taça, ou essa obra d'arte que se lhes adjudica, representa com effeito a corôa com que é galardoado o merito e a intelligencia.

Não se extranhe, portanto, que manifestemos a opinião de que esses premios deveriam ser de mais subido valor do que aquelles que actualmente offerece a benemerita direcção do Palacio de Crystal. Por esta fôrma estimular-se-iam mais efficazmente os cultivadores, as exposições tornar-se-iam cada vez mais brilhantes e a direcção do Palacio daria uma prova evidente de que não promove estas festas com fins especulativos — como não as promove de certo — porque isso não só as desprestigiaria, mas seria, no nosso entender, torpe, torpissimo. Com actos serios e sacro-santos não se merca-deja.

Desculpem-se-nos estas considerações que nos foram suggeridas, pelo muito interesse que tomamos em que a horticultura portugueza ocupe brevemente o logar de honra que lhe está reservado, e fallemos da exposição de *Rosas*.

Foi a mais brilhante de todas quantas se têm realisado em Portugal e foi também a que teve maior numero de expositores. É certo que uma grande parte d'esses expositores apresentavam simples vulgaridades; eram d'esses a que os organisadores de exposições denominam *para fazer numero*.

O sr. visconde de Villar d'Allen, presidente da commissão, que é um amator de *primo cartello*, apresentou-se, tão dignamente, como nunca o tinhamos visto, no concurso das *48 Rosas*. Não se pôde dizer que apresentasse novidades mas as *Rosas* revelavam uma cultura cuidadosa e intelligente. De algumas variedades que o sr. visconde tinha nas suas caixas, nunca as vimos com o colorido tão formoso, nem tão perfeitamente desabrochadas. Todas estas eram esplendidas: *Mademoiselle Eugénie Verdier, Docteur Andry, Jules Margottin, Comtesse d'Oxford, Paul Neyron*, etc.

Ao lado d'estas caixas achavam-se as do sr. Sharman Crawford, verdadeiro émulo do sr. visconde de Villar d'Allen.

Para o primeiro premio d'este concurso levantou-se uma verdadeira lucta entre os dous contendores. Era difficil resolver qual d'elles tinha mais jus ao primeiro premio e o jury, depois de escrupuloso exame, adjudicou-o ao sr. Crawford. Nós talvez que preferissemos a collecção do sr. visconde de Villar d'Allen, não obstante o sr. Crawford ter bons exemplares da *Duchesse de Vollambrosa, La France, Captain Christy, Miss Ingram, Marquise de Castellane, Madame Rivers, Paul Verdier* e outros de não somenos valia.

O sr. dr. Francisco de Paula da Silveira Pinto, que obteve ha dous annos a medalha de ouro,

não estava este anno tão bem representado. Ainda assim viam-se nas suas caixas *specimens* perfeitos da *Gloire de France*, *Thomas Mills*, *Madame Hector Jacquin* e *Pierre Seletski*, variedade esta de merecimentos e que nunca havíamos visto.

O sr. Alexandre Vieira Brandão que pela primeira vez apresentava ao publico as suas *Rosas*, possuía variedades distinctas entre as quaes mencionaremos estas: *John Stuart Mill*, *Edouard Morren*, e *Villaret de Joyeuse*.

Na exposição havia centenaes de *Rosas*, e ardua tarefa seria fazer um relatório minucioso de tudo quanto apresentavam os amadores. Não tentaremos empregar o trabalho, comtudo não deixaremos de fazer menção de uma *Rosa*, apresentada por Miss Wright, que conquistou sympathias de todos os visitantes e que dentro de pouco tempo veremos em todas as colleções de *élite*. Chama-se *Madame Nachury*. Recommendámo-la a todos os cultivadores.

Os horticultores não estavam tão bem representados quanto seria para desejar. Os srs. José Marques Loureiro & C.^o occupavam, como sempre, o primeiro logar.

Os seus *specimens* da *Rosa Miss Hassard*, *La Saumonée*, *Général Chevert*, *Madame de Laboulaye* e *Comtesse de Flandres* eram de peregrina belleza.

A entrada do recinto da exposição havia grupos de plantas ornamentaes, tanto lenhosas como herbaceas, de effeito tão surprehendente quanto magestoso. Pertenciam os principaes grupos aos srs. Loureiro & C.^o e, entre as plantas que os constituíam, viam-se exemplares fortes da *Cycas circinalis* e *revoluta*, *Croton variegatum*, *Eucephalartos Lehmannii horrida* e *Vroomi*, *Coprosma Baueriana fol. var.* e a *Gunnera scabra*, bella *Urticacea* da qual existem tufosos exemplares na quinta do sr. visconde de Monserrate, em Cintra.

Na exposição de *Rosas* havia tambem um concurso para *Rhododendrons* e *Azaleas*. Dos primeiros não havia nada notavel mas das *Azaleas* viam-se *specimens* encantadores, apresentados pelos srs. visconde da Silva Monteiro, commendador José da Silva Monteiro, Diogo Gentil Gomes da Silva, Marques Loureiro & C.^o e José Gomes de Macedo. Sobresahiam d'entre ellas, como o brilhante sobresahe sobre o verde, a *Azalea Souvenir du Prince Albert*, *Flag of Truce*, *Duchesse Adelaide de Nassau* e a *Reine de Portugal*, obtida pelo sr. Jean Verschaffelt, ha cerca de tres ou quatro annos, e da qual foram offerecidos pelo obtentor dois exemplares a Sua Magestade a Rainha a senhora D. Maria Pia. Se não nos enganamos foram plantados nos jardins reaes d'Ajuda, que estão hoje sob a intelligente direcção do sr. Luiz de Mello Breyner.

O sr. Antonio Dias Ferreira expoz uma colleção de *Calceolarias* como nunca tínhamos visto em Portugal. Nada mais surprehendente do que estas *Algibeirinhas*, como se chamam vulgarmente, quando são do genero das que levou ao certamen o sr. Dias Ferreira. Eram não só enormes mas do mais caprichoso colorido. Umas eram amarello-gemma d'ovo, ou amarello-claro, outras acastanhadas, outras carmezim e, enfim, outras de um branco-eburneo.

Appareceram fóra de concurso algumas *Cinerarias* que contrastavam pelo seu rachitismo e pela sua má cultura com as *Calceolarias* do sr. Dias Ferreira que reuniam todos os predicados que constituem *plantas de exposição*.

No certamen havia uma secção para obras d'arte taes como flores artificiaes, *bouquets* mesas de jantar, *plateaux*, etc.

As expositoras de flores artificiaes eram pouco numerosas.

A ex.^{ma} sr. D. Leonor Pereira continuou conservando a admiração de todos quanto já tem tido occasião de apreciar os seus mimosos trabalhos de cera, que difficilmente serão imitados. Do seu privilegiado talento reflectiam vigorosos raios sobre as *Rosas* de cera que expunha a sua discipula a ex.^{ma} sr.^a D. Laura Herminia Salgado. Algumas eram de irreprehensivel execução.

Outra dama que por varias vezes tem merecido o applauso do publico admirador de flores artificiaes (cambraia e papel), apresentou-nos este anno algumas *Rosas* de execução perfeita e outras flores que se poderiam facilmente confundir com as naturaes. E é n'isto que está o merecimento verdadeiro das flores que sahem das mãos artisticas da ex.^{ma} sr.^a D. Eugénia Amalia Pinto Malta Rodrigues.

N'uma grande *vitrine* expunha varias flores a ex.^{ma} sr.^a D. Clara Costa Braga Padim. Estavam copiadas com bastante fidelidade.

Das mesas de jantar temos só a fallar de uma que era sem duvida a mais artistica. Pertencia á ex.^{ma} sr.^a D. Emilia Malheiro Dias.

As côres no seu conjunto eram claras e joviaes; não havia aquellas côres em *pête-mêlé* que compromettem geralmente estas obras.

Gostamos immenso d'este móvel.

Em *plateaux* havia alguns notaveis mas em *bouquets* não havia nada digno de menção especial. N'este ponto retrocedeu a arte floral.

A decoração da sala foi feita sob a direcção do sr. José Baptista Vieira da Cruz, director das estufas e jardins do Palacio de Crystal. Não offerecia novidade, era como as que allí se costumam fazer no carnaval, quando os traquinas pierrots e as provocadoras pastorinhas, nas suas vertiginosas valsas, dão ao recinto o aspecto d'um d'aquelles diabolicos quadros que Dante nos apresenta no seu *Inferno*.

A base da taça, que se achava ao centro da nave, e da qual jorrava agua em abundancia, estava muito bem ornamentada.

E como estamos fallando da decoração floral da sala, chamamos a attenção do leitor para os grupos do sr. Marques Loureiro, que se acham collocados no primeiro plano da estampa, e que produzindo um effeito surprehendente, davam á sala um aspecto deslumbrante. O visitante dando de chofre com os olhos n'estes massivos de plantas de folhagem ornamental e de flores de peregrina belleza, sentia-se, momentaneamente, transportado a phantastica região. A nave central é grandiosa e adequada a estas festas. As numerosas mesas collocadas transversalmente e cobertas de *Rosas*, recordavam aos casados de dois annos o *mar de Rosas* em que haviam navegado durante os primeiros dias do noivado.

Mas tudo passa! As flores que tanto nos entusiasmaram já se desfolharam, como se desfolham todas as venturas.

Damos tambem uma gravura das medalhas que foram conferidas aos expositores. Eram de cobre, prata e ouro (prata dourada).

Os cunhos são devidos ao habil buril do notavel gravador portuense, o sr. José Arnaldo Nogueira Molarinho, vantajosamente conhecido no paiz e no estrangeiro pelas numerosas obras de arte que o seu nome firma.

E nada mais diremos aos leitores do OCCIDENTE sobre a festa das *Rosas* no Palacio de Crystal, que teve o magico encanto de accor dar a cidade inteira que pressurosa correu áquelle templo em que durante tres dias foi adorada a deusa Flora.

Para se fazer ideia em Lisboa do numero de visitantes que assistiram á festa, bastará dizer-se que rendeu cerca de um conto de réis. Parece-nos a cifra exagerada, porque apesar da concorrência ser superior a todos os outros annos, é difficil de se acreditar que á sympathica *Rosa* fossem apresentar homenagem para cima de 6:000 pessoas!

(Porto) DUARTE DE OLIVEIRA JUNIOR.

CUSTODIO JOSÉ VIEIRA

Nasceu na Regoa a 27 de março de 1822 e falleceu a 9 de maio do anno corrente, na cidade do Porto, o escriptor vehemente, o tribuno convicto, cujo retrato o OCCIDENTE hoje enfileira na sua galeria dos homens mais prestantes do nosso tempo.

Ainda não tinha concluido a sua formatura na universidade de Coimbra, em 1846, e já Custodio José Vieira batalhava com as armas na mão, pelos princi-

pios liberaes defendidos pela Junta do Porto. O tribuno revelara-se tocado pelo verbo ardente e inspirado de José Estevam e de Passos Manuel, e data d'essa epocha a agitada carreira publica de Custodio José Vieira.

Concluindo a sua formatura, depois de ensarilhadas as armas n'aquella contenda porfiada, em 1848 estreitou-se como jornalista no *Echo Popular*, folha liberal avançada que então se publicava no Porto, passando mais tarde para a redacção do *Nacional*, que teve o seu momento de celebridade em todo o paiz, e aonde um verdadeiro talento de polemista lhe conquistou Lem depressa amigos dedicados e ardentes adversarios nas fileiras dos partidos militantes.

Advogado eloquente, os auditorios do Porto ainda recordam os echos da sua palavra apaixonada e incisiva, posta ao serviço de muitas causas importantes com uma coragem indomavel perante a qual cediam todos os obstaculos.

Nos comicios publicos a eloquencia nervosa e communicativa de Custodio José Vieira fazia, como poucas, estremecer a alma popular, e o Porto teve muitas vezes occasião de se entusiasmar em face da vehemencia do tribuno, em tantas pugnas partidarias debatidas n'aquella cidade aonde verdadeiramente pulsa ainda o coração portuguez.

Em 1867 tomou Custodio José Vieira assento nas côrtes, e depois de exercer diversos cargos publicos passou, ha poucos annos, a exercer o cargo de director geral das contribuições directas no ministerio da fazenda, desempenhando-o com toda a lucidez do seu espirito privilegiado e toda a recidão do seu caracter inquebrantavel.

Eleito deputado por Lisboa na ultima legislatura, a sua palavra, de quando em quando, teve ainda, por vezes, alguns assomos vehementes. Uma tão prolongada lucta tinha, porém, alquebrado o antigo tribuno, que ao cahir no lito d'onde não mais devia erguer-se, teve então occasião de ver de que, dos proprios inimigos de um dia, os seus dotes de caracter e de talento haviam feito verdadeiros amigos, n'este transe supremo em que o juizo da posteridade toma o logar do juizo das facções.

Custodio José Vieira deixou de si a honrada memoria de um homem que, n'um dado momento, serviu o seu paiz com sincera convicção, pondo o seu inegavel talento ao serviço do que elle julgava ser a expressão mais pura do direito e da justiça.

A. G.

MOTTA VEIGA

No dia 1 de fevereiro d'este anno, a camara dos deputados foi dolorosamente surprehendida pelo fallecimento quasi repentino do dr. Manuel Eduardo da Motta Veiga. Matou-o um aneurisma do seio do parlamento, a que o deputára o circulo de Ceia, onde fóra baptisado em 24 de janeiro de 1831.

Contava pois, 49 annos apenas, dispendidos quasi todos na cultura das sciencias e em serviços ao paiz. A sua intelligencia prematura insuflou em seus paes, e-cassos de meios, a coragem e o sacrificio de lhe proporcionarem estudos superiores.

Matriculando-se na faculdade de theologia, seguiu o seu curso e m o mais notavel aproveitamento, laureado sempre com as primeiras classificações escolares.

Convidado para as cadeiras do magisterio universitario, via ao seu lado generosas dedicações para salvar as difficuldades materiaes que então havia para se alcançar um capello. Defendeu brilhantemente as suas theses em 9 de novembro de 1854, doutorou-se em 19 do mesmo mez, foi despachado lente substituto de theologia em 9 de março de 1859, e lente cathedra-tico em 23 de dezembro de 1875.

Como professor, era tido na conta de um dos mais distinctos da universidade; como orador, a sua palavra era fluente e insinuante, algumas vezes energica, e sempre firme e correctae. Como pensador, discutiu as mais elevadas questões da sociologia moderna, e deixou um volume de conferencias religiosas, que fazem honra ao paiz. Escreveu tambem uma erudita e volumosa *Memoria historica* da faculdade de theologia, por occasião do centenario da Universidade, e deixou um opusculo, destinado ás e-colas, sobre a historia de Portugal, e que conta já hoje umas 14 edições.

Foi duas vezes deputado, uma em 1868 e outra em 1879. Como parlamentar, revelou sempre sinceros desejos de bem servir o paiz, e a vehemencia das suas palavras, era temperada pelo bom senso e pelas suas altas qualidades moraes.

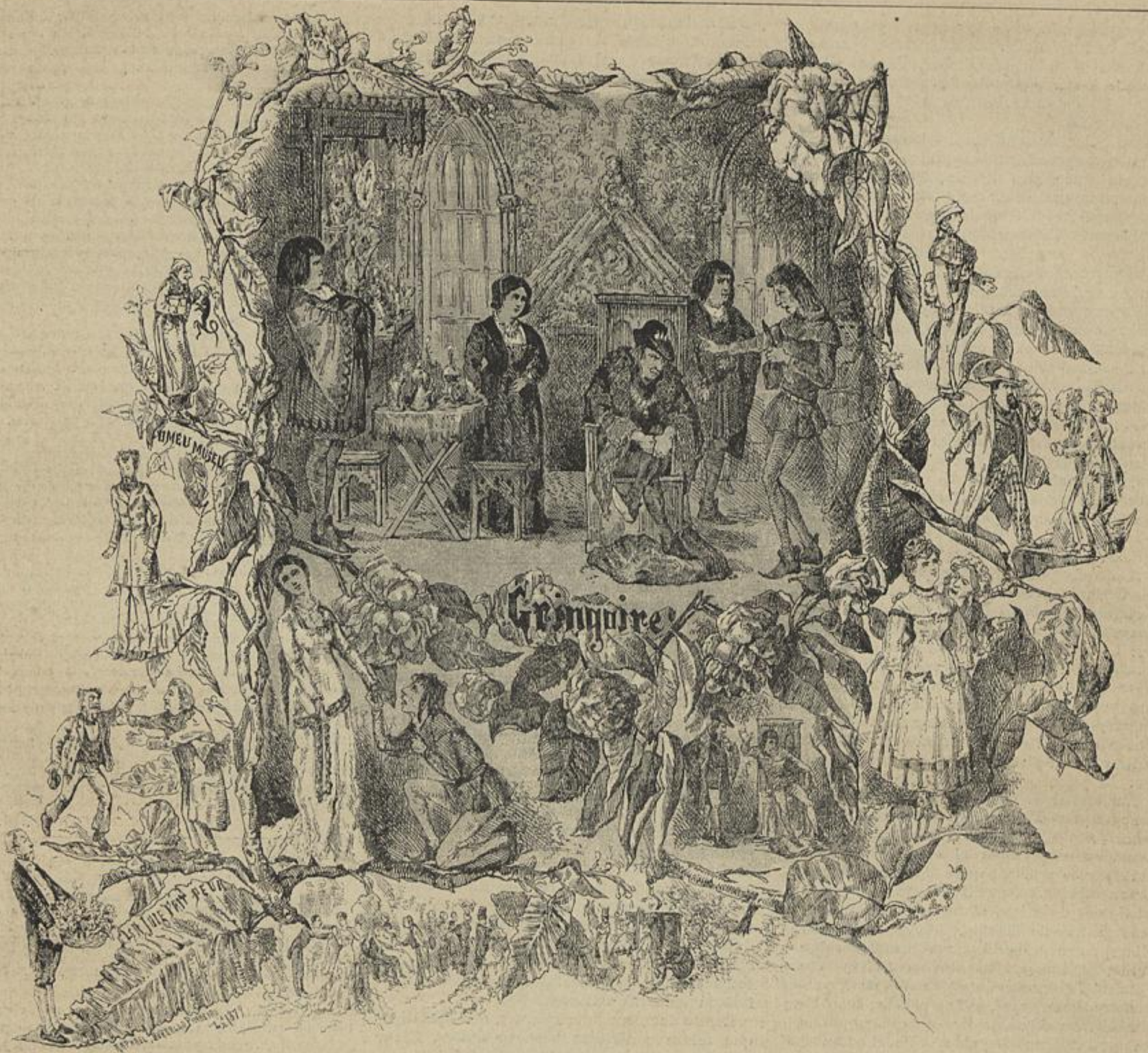
Convidado algumas vezes para o episcopado, rejeitou o arcebispo do de Goa, o bispado de Angola, e outros.

Era socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e do Instituto de Coimbra, commendador da Ordem de Nossa Senhora de Villa Viçosa, etc.

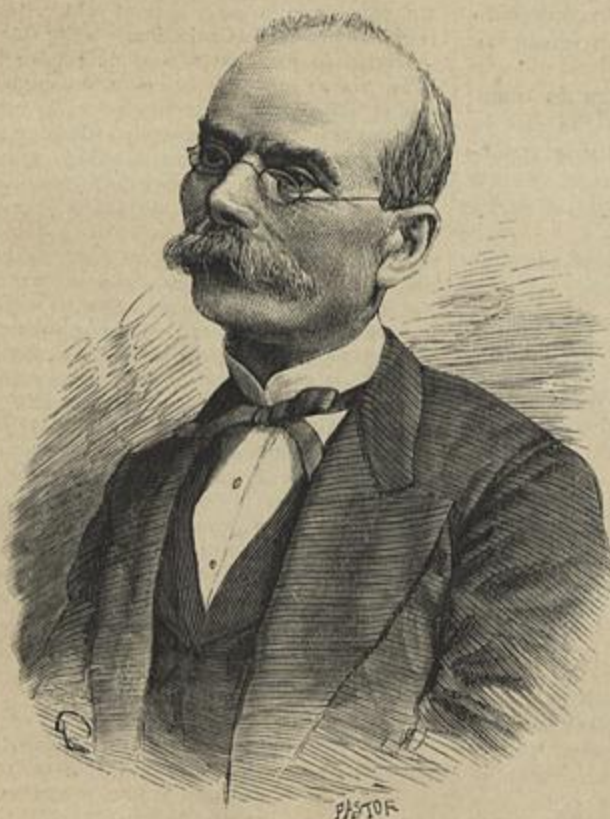
Eram dignos de toda a homenagem os seus talentos e as suas virtudes.

Descance em paz.

C. DE F.



SALÃO DA TRINDADE — A RECITA D'AMADORES — NOITE DE 14 DE MAIO DE 1879 (Desenho original de Raphael Bordallo Pinheiro)



COSTODIO JOSÉ VIEIRA, EX-DEPUTADO DA NAÇÃO
Fallecido em 9 de Maio de 1879 (Segundo uma photographia de M. Frita)



DR. EDUARDO DA MOTTA VEIGA, EX-DEPUTADO DA NAÇÃO
Fallecido a 1 de Fevereiro de 1879 (Segundo uma photographia de J. M. dos Santos)

AS NOSSAS GRAVURAS

RECITA POR AMADORES NO SALÃO DA TRINDADE

Esta elegante festa de beneficencia realisada na noite de 14 de maio ultimo no Salão da Trindade, foi no momento opportuno sobejamente descripta pelas folhas diarias. Raphael Bordallo Pinheiro commemora-a hoje nas paginas do OCCIDENTE com o seu gracioso lapis, representando algumas das scenas e dos personagens das comedias que constituiram tão aprazivel *soirée*.

Estas comedias foram: *Gringoire*, de Theodoro de Banville, desempenhada pelas sr.^{as} condessa de Ficalho, D. Isabel Lisboa, e dr. Carlos Mayer, Marquez d'Incisa, barão da Regaleira e Fernando de Azevedo.

La joie fait peur, em que tomaram parte as sr.^{as}

condessa de Ficalho, D. Isabel Lisboa, baroneza da Regaleira, Marquez d'Incisa, barão de Salzberg e Fernando de Azevedo.

Furnished apartment, distribuido ás sr.^{as} viscondessa de Castillon, D. Isabel Lisboa, condessa de Ficalho, baroneza da Regaleira, Marquez d'Incisa, barão da Regaleira e Fernando de Azevedo.

Finalmente *O meu muzeu*, poesia comica recitada pelo sr. D. Fernando de Sousa.

A suprema elegancia e o talento das distinctas amadoras, dispensa novos encarecimentos, e escusa de novos elogios a aptidão dos cavalheiros que tomaram parte na recita. O nosso proposito é simplesmente acompanhar da *explicação* devida o desenho que hoje figura nas paginas do OCCIDENTE.

Ao centro da composição de Raphael Bordallo avulta a scena principal do *Gringoire*, quando o poeta recita

a sua ballada na frente de Luiz xi. Os detalhes do rigoroso e esplendido *mise en scene*, o aspecto da situação, a disposição das figuras, tudo foi apanhado em flagrante pelo talentoso artista, que desenhou a scena de memoria, sem que por isso deixasse de imprimir a linha exacta dos personagens, que Lisboa toda conhece debaixo d'aquelles disfarces theatraes.

Em volta, phantasiadamente espalhados, veem-se os diferentes personagens das outras comedias, traçados com a leveza e a elegancia que deve caracterisar as composições d'este genero.

O OCCIDENTE congratula-se por ser o primeiro a apresentar ao publico um trabalho do talentoso artista, que voltando á patria depois de quatro annos de ausencia, enceta nova carreira de triumphos, a que tem direito pela sua aptidão singular.

Devemos acrescentar que o transporte d'esto dese-



BRAZIL — OLARIA DE MANACAPURU NAS MARGENS DO RIO SOLIMÕES (Segundo uma photographia)

inho, pelo processo *guilloché* applicado ao systema Gillet é, ao que nos parece, pela vez primeira ensaiado n'uma publicação portugueza.

OLARIA DE MANACAPURU NO RIO SOLIMÕES

Entre as proverbiaes bellezas da natureza americana, avulta o magestoso rio Solimões que engrossado por varios confluents toma em certo ponto a denominação d'Amazonas, o maior e mais profundo rio do mundo e que dá o nome á importante e rica provincia do imperio brazileiro, do qual atravessa cerca de mil leguas de territorio.

A corrente do Solimões é d'ordinario lenta, e extremamente formosas as suas margens aonde se erguem pittorescas feitorias como aquella que representa a nossa gravura. O capitão Mayne Reid nas suas *Aventuras de Terra e Mar*, descreve-nos esta poderosa natureza em toda a sua magestade e florescencia, coberta d'uma opulenta vegetação, por entre a qual se ouvem os gritos das aves de brilhante plumagem, e os silvos da *jararaca*, a mais terrivel serpente que se conhece.

As margens do Solimões são ainda em parte povoadas por tribus d'indios selvagens que tendem a desaparecer em face da magica influencia da civilização.

que ali vae conquistando logar como o mostra a nossa gravura.

TINTEIRO HISTORICO

O pequeno tinteiro que a nossa gravura hoje representa não se torna notavel pela sua perfeição artistica, nem tão pouco pela preciosidade do material, mas sim pelo facto historico, importante para a nossa vida politica, a que elle serviu. É um pequeno tinteiro oitavado, de louca branca, pintado de azul, como ainda se veem muitos pelas nossas aldeias.

Ninguem ignora que, por morte de D. João vi em 1826, foi aclamado rei de Portugal seu filho D. Pedro iv, que este abdicou em sua filha D. Maria ii, e outhorgou a Carta Constitucional, que nomeou seu Logar-Tenente a seu irmão D. Miguel o qual devia casar com aquella senhora, ao que se comprometteu em Vienna d'Austria, vindo em seguida para Portugal, tomando n'aquella qualidade, posse do governo; que passado algum tempo em 1828, se fez acclamar rei, abeliu a constituição, seguindo-se d'ahi uma guerra civil, que, depois de varios feitos heroicos e importantes, veiu a acabar em Evora-Monte, onde a 27 de maio de 1834 foi assignada uma convenção entre as forças beligerantes; pois foi para esse acto, cujo texto é aliás muito conhecido, que serviu o tinteiro mencionado.

Parece que foi tambem elle que ministrou a tinta para a declaração que em seguida transcrevemos, e que se acha original na Torre do Tombo, dando nós tambem o fac-simile da assignatura d'ella.

«Para satisfazer á superveniente exigencia feita pelos Marechaes Duque da Terceira e Conde de Saldanha, em nome do seu Governo; Declaro que jamais directa ou indirectamente me misturarei em negocios politicos d'estes Reinos e seus dominios. Paço em Evora, vinte e nove de Maio de mil oitocentos e trinta e quatro.»

Este tinteirinho guarda-se hoje como recordação historica em casa da ex.^{ma} sr.^a D. Gertrudes Eduarda Saramago em Evora-Monte.

DAMIÃO DE GOES

(Continuado do n.º 24)

12.º Do cardeal Sadoletto para Damião — De 30 de dezembro de 1537 — Que poucos dias depois das cartas que escrevera, e das primeiras que recebera de Damião, adoeceu gravemente durante quatro mezes, chegando a estar em perigo, por isso não se lhe dirigira como muito desejára; adviera-lhe pesar por causa da carta que escrevera ao amigo de Goes (*Melanchton?*), e que fôra divulgada na Alemanha, havendo quem o accusasse como se elle quizesse abandonar a causa que defendêra, e passar-se aos Lutheranos, o que elle muitissimo abomina; não o importunam contudo as calumnias dos homens, tranquillo como está da sua consciencia, e lembrando-se que trata a causa de Deus. Varios são os juizos que lhe fazem sobre Melanchton, havendo quem o tenha por mais probo e modesto que os mais adversarios da Igreja, e outros que o accussem de fraudulentó e embaidor, o que elle certamente não crê, pois o ama sendo Melanchton bom, franco e ingenuo, e por mais ajustadamente convirem estas qualidades ao seu engenho e doutrina. Continúa sobre a concordia e pacificação da Igreja, tratada pelos dois, pedindo a opinião de Goes, e a informação de quanto se der no assumpto.

13.º De Lazaro Buonamici para Damião — Padua, 9 de julho de 1539. — Agradece o brinde feito por Goes, constante de pergaminhos, (ou talvez mais propriamente de cartas geographicas em pergaminho) e de um globo com a descripção do mundo, cujo arco chegara separado e quebrado.

14.º Do mesmo para Goes — Padua, 29 de agosto de 1539. — Com a apreciação e elogio dos commentarios escriptos por Damião sobre os feitos dos Portuguezes na India.

15.º De Christovão Madrucci, cardeal e bispo de Trento, para Damião — Trento, 5 de novembro de 1539. — Que lêra com prazer os commentarios de Damião, e que além das suas noticias lhe serem gratas sempre, agora o eram tambem por ficar sabendo onde residia; faz votos pela sua sorte durante a estada com a mulher em Lovaina; e quanto á congratulação que Damião lhe fizera sobre a sua entrada no episcopado, confessa receiar muito da impotencia das suas forças comparada com a grandeza do encargo imposto, e que rogará a Deus para que suppra com a sua graça a fragilidade d'elle; offerece de novo o seu prestimo, e congratula-o bem como á mulher.

16.º Do cardeal Bembo para Damião — Veneza, 5 de abril de 1539. — Cumprimenta-o e congratula-o pelo casamento, participa como Paulo III o nomeara cardeal, sem que elle o pedisse nem pensasse, e deseja cartas de Resende.

17.º De Lazaro Buonamici para Damião — Padua, 17 de abril de 1539. — Refere-se especialmente ao casamento de Damião, e ás qualidades de sua mulher, que lhe affirmam ser nobre, bem educada e formosa; e falla tambem do globo, arco e cartas, mencionadas posteriormente em a carta de 9 de julho, dada aqui sob n.º 13.

18.º De Sigismundo Gelenio (Ghelen) para Damião — Basilea, 23 de junho de 1539. — Refere-se ao citado escripto de Goes e ao recente casamento.

19.º De Glareano (Loriti) para Damião — Friburgo de Brisgau, 6 de novembro de 1539. — Cumprimenta Goes pelo seu casamento, lastima-se da morte da propria mulher, dá noticia do que se tem passado por causa das annotações de Livio que se imprimem em Basilea; e refere-se á impressão projectada de um livro de musica (o *Dodecachordon*, certamente), onde haverá aprasado ensejo de celebrar o nome de Goes; quanto ao opusculo sobre os Portuguezes, apenas percorrera algumas folhas quando o senhor de Rischach lh'o pedira emprestado, e por isso não o lêra ainda todo, mas o que vira lhe agradará summamente; fôra a este Rischach que consagrara as annotações a Sallustio.

(Continua)

J. A. DA GRAÇA BARRETO.

Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas

FESTAS ANTERIORES NA FRONTEIRA

(Continuado do n.º 24)

Fallecera Affonso III e subira ao throno de Portugal seu filho D. Diniz. Fôra o moço rei (que então apenas contava dezoito annos) perfeitamente educado. Era discreto, instruido e poeta. Algum tempo antes da morte de seu pae, partilhára com elle os cuidados do governo: Assumpto ao solio fez participante n'elles sua mãe. Contudo o joven rei tendo altas qualidades, tinha a par d'ellas grandes defeitos. Os historiadores que tem olhado apenas a superficie dos factos, tem qualificado D. Diniz de leal, amigo da justiça, e dos lavradores, contando muitas cousas a este respeito, mas a sua vida mostra-o desleal á esposa, e falto de fé, nos seus compromissos, decidindo os negocios mais graves, sem escrupulo de justiça algum, o que já de passagem foi enunciado por Alexandre Herculano, e impondo taes condições a seus caseiros, que muitos lhe largaram as terras, com que de certo não favoreceu os agricultores, como já tambem aventou J. Pedro Ribeiro. Com taes disposições não é para admirar que, pouco tempo depois de tomar posse do governo, tratasse sua mãe de fórma, que julgando-se offendida no seu pundonor e dignidade se partiu para Castella, acolhendo-se a seu pae, o rei D. Affonso X. Este desejando compôr as diferenças entre mãe e filho, convidou-o para uma entrevista na fronteira, e partindo para Badajoz, D. Diniz sahiu para Elvas, fingindo querer ir encontrar-se com o avô. Mal D. Affonso soube da sua chegada enviou a Elvas seus filhos D. Sancho, D. Pedro e D. Jayme, e seu irmão D. Manuel, tios de D. Diniz, a cumprimental-o. Este reteve-os tres dias em festas e banquetes, e ao fim despediu-os, promettendo ser em Badajoz muito breve, mas partidos elles, voltou para Lisboa, escusando-se com o avô, que desenganado voltou a Sevilha. Isto passou-se em 1279.

Em 1282 casou D. Diniz com Isabel d'Aragão, que Portugal inscreve no catalogo dos seus santos; bem concorreu para isso o procedimento de seu esposo. Cortejador das damas em excesso, mais ainda que seu bisavô Sancho I, de certeza magoaria muito o coração da nobre princeza que elle recebera criança, tinha onze annos, e que apesar da sua belleza tão celebrada, parece nunca ter captivado o animo do inconstante monarcha. No meio dos seus regalos, saltaram-n'o serios cuidados. Seu irmão mais novo, o infante D. Affonso, levantou-se contra elle em 1284, para lhe disputar a corôa, allegando que D. Diniz era filho adulterino, pois fôra havido da rainha D. Brites, durante a vida da legitima mulher de Affonso III, a condessa Matilde de Bolonha, ao passo que elle nascêra depois da morte d'esta. A questão, comquanto indelicada, para um filho da mesma mãe, não era para desprezar, e D. Diniz marchou logo contra o irmão que se submetteu. Mas como elle tinha muitas terras na fronteira a elle se acolheu, e com elle se colligou D. Alvaro Nunes de Lara, aggravado dos desfavores do rei D. Sancho de Castella, que havia succedido a seu pae D. Affonso. Ambos faziam varias entradas e estragos pelas terras de Leão e Castella; D. Diniz que o soube partiu para a cidade da Guarda, que era do Infante, desapossando-o d'ella, dando-lhe em troca outras terras no interior do paiz. Não foi bastante: as correrias continuaram por outras partes, e o rei de Castella queixou-se a D. Diniz, juntou tropas e aproximou-se das fronteiras. D. Diniz tambem marchou sobre os rebeldes, e encerrou-os em Arronches, terra do infante, a que poz cerco; o rei de Castella veio juntar-se-lhe. A rainha D. Brites, mãe de D. Diniz, e sua filha D. Branca, irmã d'elle, que era senhora de las Huelgas, vieram a Badajoz; o infante que o soube, pode sair aforado da sua praça de Arronches, foi-se ter com ellas pedindo a sua intervenção, que sempre

dispensaram a todos, e por meio da qual se levantou o cerco, vindo todos a Badajoz. Alli se reuniram os dois reis, D. Beatriz, D. Branca, e o infante D. Affonso, compondo-se as diferenças entre elles, e assignando-se n'aquella praça hespanhola a 13 de dezembro de 1287 os artigos de paz, no meio do regosijo dos povos circumvisinhos, ficando Arronches para el-rei, que deu ao infante Armamar. Dois dias depois, em Elvas, foram levantadas as homenagens aos seus alcaides pelo infante, e prestadas a D. Diniz, que tambem congratára D. Alvaro de Lara com o rei de Castella.

Tinha chegado a rainha D. Isabel á idade da puberdade, e havia já dado dois filhos a D. Diniz: a infanta D. Constança em 1290 e o infante D. Affonso em 1291, e houve tranquillidade por alguns annos. Em 1295 a 25 de abril, porém, falleceu o rei de Castella, deixando na menoridade seu filho D. Fernando, que a rainha D. Maria se apressou a fazer reconhecer. O infante D. João, tio do novo rei, que se achava em Granada, partiu d'alli com a veleidade de ser rei. Apresentando-se em varias terras, foi repellido de umas, mas de outras aceito e favorecido, e vindo á cidade da Guarda, contra toda a expectativa, e contra toda a justiça, D. Diniz se declarou por elle, fazendo alli publicar uma sentença a seu favor, que mandou intimar aos povos do reino de Leão, mandando pregoar guerra contra Castella. Foi-se pagando logo adiantadamente, tomando posse de Coria que lhe deu o infante D. João, como pagamento de trezentos e quinze maravedis que lhe abonou. Achavam-se os castelhanos reunidos em côrtes na cidade de Valladolid; espantados da declaração e intimação de D. Diniz, deputaram a elle o infante D. Henrique, então nomeado tutor do rei, que teve habilidade de o dissuadir do seu inqualificavel proposito, reduzindo a concordia o infante D. João, lucrando então D. Diniz que lhe fossem entregues Moura, Serpa, Aroche e Aracena, que andavam na sujeição de Castella desde o tempo de seu avô D. Affonso. Sopitadas por algum tempo estas contendas, reacenderam-se passados annos e por diversos pretextos, entre o rei de Castella já maior, o infante D. João e o rei de Aragão; D. Diniz ora auxiliava um, hostilizando pouco os contrarios, ora fazia o inverso, por cujo motivo veio por algumas vezes a avistar-se em diferentes partes, com aquelle monarcha, e as rainhas mães de um e outro D. Maria e D. Brites e com sua irmã D. Branca; sempre promptas a apaziguarem aquellas diferenças.

(Continua.)

BRITO REBELLO.

ENSAIOS E NOTICIAS SCIENTIFICAS

CONSTITUIÇÃO PHISICA DO SOL

Não são decorridos ainda vinte e cinco annos depois que Arago deu solução a um dos mais curiosos problemas, virtualmente contidos no assumpto de que vamos occupar-nos nas seguintes palavras: «Se alguém me perguntasse se o Sol é habitado responderia, não sei; se me perguntassem porém se o reputo habitavel para seres organizados por modo analogo ao dos que povoam o globo terrestre, não hesitaria em responder pela affirmativa.» E para aquilatar o valor scientifico de tão arriscada asserção, accrescia, á incontestavel auctoridade do nome que a firmava, o facto de ser ella a natural consequencia das observações e das theorias d'um Wilson, d'um Bode, d'um William Herschel.

Quinze annos depois exprimiam-se Richard Proctor no seu livro *The Sun*, uma das mais completas e abundantes, senão mais desenvolvidas e originaes de quantas obras conhecemos sobre o assumpto, nos seguintes termos: «As theorias phisicas do Sol que vinte annos atraz se reputavam não carecer sequer de mais rigoroso exame e attento estudo, valem hoje tanto como a idéa de Anaximandro, que fazia do Sol um grande vaso aberto a trasbordar de fogo pela bocca.»

E esta segunda asserção, tirante a exaggeração da sua fórma, r. presenta por certo na actualidade a opinião unanime dos astrónomos; salvo o respeito devido á memoria dos nomes illustres que acima citámos. nenhum homem de sciencia dos nossos dias hesitaria em firmal-a com o seu nome.

Do confronto d'estas duas opiniões tão contradictórias no cathorico das suas affirmações, e no entretanto igualmente auctorizadas, e o que mais é, igualmente fundamentadas em relação ao estado da sciencia na epocha em que foram respectivamente professadas, deduz-se bem claramente com que passos de gigante, ou, com mais propriedade e novidade talvez, com que velocidade d'astro, a sciencia astronomica tem caminhado, e o seu peculio de observações engrandecido, no que diz respeito á ordem de problemas a que nos vamos referindo.

E as im é. Desde a epocha em que o illustre secretario da Académia das Sciencias de França proferiu as notaveis palavras que acima citámos, a partir de 1860 especialmente, a physica solar tem adiantado enormemente.

Descobertas de facto, methodos de investigação novos ou profundamente modificados na sua applicação, hypothese-s tendentes a explicar por meio de leis ou causas geraes o conjunto de factos observados de tudo isto se encontra que farte no resultado dos trabalhos do grande numero de homens de sciencia, que no ultimo quarto de seculo tem dedicado em especial a sua actividade á solução do problema complexo, ou antes, do conjunto de problemas, ordinariamente designados sob a epigrapha «*constituição physica do Sol.*»

Dar noticia ao publico dos mais curio-s e importantes d'entre estes resultados, na sua maior parte ainda hoje dispersos nas memorias especiaes, ou quando reunidos, incorporados em livros menos accessiveis aos que não possuem educação scientifica muito completa, tal é o fim que nos propoemos.

Não pretendemos a gloria dos inventores ou innovadores, que nem a auctoridade pessoal nem o valor de observações proprias nos habilitariam para tanto; as nossas aspirações são mais modestas; limitam-se á parte de conceito publico que justamen e cabe á missão menos trabalhosa, menos brilhante talvez, mas ainda util do vulgarizador.

No assumpto de que vamos occupar-nos, esta missão é relativamente facil.

Succede com o probl mas científico ou, para melhor dizer com, o conjunto de problemas científicos que constituem a physica solar, o que tem succedido a todas as sciencias humanas nas suas phases de *transição*.

Hoje n o pequeno numero ou a pouca variedade dos pheno menos observados e a impossibilidade actual de ir mais alem no campo da observação, dava n creditos e fóros de universal acceitação á hypothese theorica que os coordenava todos, que todos explicava sem difficuldade attendivel, sem que se suspeita-se ao menos a possibilidade de uma objecção valiosa. Hoje a descoberta de um novo methodo de investigação, de critério diverso ou mais poderoso, deita por terra n um instante, o que ás vezes durante seculos obtivera a adhesão dos mais conspicuos.

A grande quantidade de factos novos com que em taes circumstancias se vae rapidamente enriquecendo dia a dia o peculio da observação, a incerteza d'elles, a sua grande variedade por vezes, tornam por muito tempo difficil senão impossivel a realisação d'essas apreciações de conjuncto, que coordenando todos os resultados da observação constituem uma concepção geral scientifica.

É o que succede actualm-nte na physica solar.

Em taes conjuncturas, repetimol-o, o trabalho de vulgarisação é mais facil. Limita-se, por uma parte á exposiçào dos factos que se reputam importantes e bem observados, por outro á facil critica negativa das theorias ou retalhos de theorias aventados.

É o que vamos fazer.

Da larga e variada colleção de problemas que constituem a physica do sol, poucos são aquelles para que a sciencia logrou obter até hoje cabal solução e, se exceptuarmos os que por sua natureza se podem chamar mais propriamente astronomicos, por depender m exclusivamente de noções geometricas, mechanicas, ou m-chanico-geometricas, poucos de entre os elementos que scientificamente determinam a constituição physica do astro se podem reputar, sequer approximadamente, determina-los.

Assim, a sciencia que póde responder com resultados rigorosamente calculados, he a que *susce-liveis ainda de ulterior e mais perfeita determinação*, a quem a interrogar acerca da distancia á Terra, dimensões de massa, densidade do globo solar, da intensidade da gravidade na sua superficie; a sciencia que, bem que menos segura do grau de aproximação de suas informações, póde satisfazer a legitima curiosidade dos que a inquiri em acerca da quantidade de luz, da quantidade de calor irradiadas pelo astro, e de muitas outras circumstancias physicas de menor momento; a sciencia a quem a invenção, recente de um novo e fecundissimo methodo de investigação (a spectroscopia astronomica) permite já ministrar nos dados de alta e bem calculada probabilidade em relação aos elementos de composição chimica do Sol; a sciencia a quem este mesmo methodo habilitou em 1870 a dar como resolvido em these o problema de existencia de uma atmosfera solar, e a determinar-lhe, ainda que entre afas-

tados limites, a altura provavel; suspendeu, forçada, mas provisoriamente tambem, tudo nos leva a crel-o, o vôo arrojado com que progredira na ardua empreza do conhecimento perfeito da immensa esphera luminosa, em presença de novas e não previstas difficuldades do commettimento, nascidas justamente do notavel alargamento do campo da observação, e da novidade e perfeição dos methodos de estudo.

A notavel descoberta de Kirschhoff, em 1842 (a da analyse spectroscopica dos astros), a fecunda innovação introduzida desde 1860 no methodo de investigação spectroscopica pela simultanea descoberta de Jansen e de Lockyer, que permite o estudo permanente no disco solar de phen menos importantes, até então apenas observados nas raras occasiões dos eclipses totaes e nos determinados logares para que o eram, deu tão nova direcção, abriu horisontes por tal fórma vastos ao estudo da physica solar; é hoje tão crescido e varado o peculio de factos observados em relação ás condições physicas do Sol (cada um dos quaes aliás representa sempre de per si uma noção interessante e uma informação satisfactoria em relação ao ponto especial a que se refere), que quando se pretendem combinar estes diversos resultados em ordem a determinar as condições do orbe solar, temos que limitar-nos a reconhecer que todos os nossos conhecimentos acerca do assumpto, são mais uma revelação da enorme difficuldade do problema que en-erram, de que uma base sufficiente para considerações que nos guiem no caminho das concepções geraes.

Qual é a temperatura do Sol? É liquido, é solido o globo incandescente? Será antes um aggregado de gazes? Em condições de pressão, de temperatura, de velocidade, tão enormemente differentes d'aquellas em que nos é permitida a experiencia á superficie da Terra, persistem porventura as leis physicas, que para nós distinguem tão caracteristicamente os estados solido, liquido e gazoso?

Poderemos, deveremos mesmo, suppor que o verdadeiro estado da massa solar não é nenhum d'estes tres estados definidos, mas outro intermedio pastoso ou liquido-gazoso, analogo ao que as experiencias terrestres nos permitem observar em condições que, bem que extraordinarias, nem de longe se approximam ainda d'aquellas, cuja existencia tudo nos leva a suppor no astro do dia?

Qual é o papel, qual a acção das differentes forças physicas e chímicas nos phenomenos observados? Reger-se-ão lá estas forças pelas mesmas leis? Deveremos acaso suppor a existencia de outros agentes na produção de tão extraordinarios phenomenos, como os das manchas e o das protuberancias solar-s? Em condições tão extraordinariamente diversas serão phenomenos identicos, legitimamente susceptiveis de igual interpretação?

Outro tantos problemas, todos ainda sem solução definitiva e satisfactoria.

Entre os elementos do globo solar que alcunhamos de mais propriamente astronomicos, citámos um, a sua distancia á Terra, cuja determinação, sem que seja por nenhum modo um problema de astronomia physica, é todavia fundamento essencial de toda a physica solar. Este elemento serve-nos como de unidade de med da na determinação ulterior de quaesquer elementos physicos propriamente ditos. Importa portanto que comecemos este estudo pela resolução do problema de astronomia geral, que nos dá o valor de tal elemento; do conhecimento exacto da aproximação com que a sciencia até hoje o tem resolvido, depende essencialmente, por exemplo, o grau de confiança que devem merecer-nos a avaliação da gravidade e da massa solar, avaliação esta que, como veremos adiante, está em relação importantissima com muitas outras considerações relativas á constituição physica do Sol.

(Continúa.)

H. DE MACEDO.

O ABANDONO DO MOINHO

À porta da azenha estava o macho intonso, preso pelo cabresto a uma argolla da parede.

Emquanto o não carregavam voltava melancolicamente a cabeça para o lado, estendia o pescoço lanudo, e ia tostando uma moita de silvas, que murava o atalho.

De entre o ruido tremulo da mó e o marulho da levada, caindo do cubo nas pennas do rodizio, em baixo, ouvia-se gritar lá dentro: — Anda d'ahi, que são horas. Avia-te.

Depois, appareceu á porta o moleiro, com o chapéo enfarinhado caído para o hombro esquerdo, segurando no hombro direito o taleigo da fornada. Vinha ainda a gritar:

— Despacha-te, rapariga. Mexe-te, filha.

E atirou com o folle para cima da besta. A moça veio depois, e carregou-a com um folle do outro lado. Atiraram-lhe em seguida a ci-

lha para cima; e o moleiro, com o joelho fincado na barriga do macho, principiou a apertar a carga, torneando o arrocho com esforço.

— Prompto! Põe-te já a caminho, que eu não me delato, Therezinha.

Apenas se julgou fóra do alcance da vista do pae, que se deixou ficar á porta, com a perna cruzada sobre a outra, o chapéo braguez derrubado para os olhos, a vel-a subir a encosta, a rapariga saltou para cima do macho, ageitou-se no meio dos taleigos, e continuou pelo atalho acima, a cantar:

Ao passar hoje no rio
Vi nas aguas o teu rosto;
Guidei que ias na levada
Ai! coração, que desgosto!

E ao ver o teu rosto ali
(O que são coisas do mundo!)
Guidei logo que uma estrella
Tivesse cabido ao fundo.

O moleiro voltou para dentro, a prover a moega de grão; enfiou depois a jaqueta de cutim axadrezado, calçou as sapatas ferradas, que tinha a um canto, fechou por fóra a porta da azenha, arrecadou a chave, e abalou na piugada da filha.

Assim que chegou a meio do atalho, cortou á esquerda por uma quelha pedregosa, atravessou por um carreiro, que costeava uma bouça; e, ficando as mãos no muro tosco de rebos, saltou de um pulo para o meio da estrada.

Corriam os primeiros dias de março.

Como tinha descampado, havia pouco tempo, os caminhos estavam lamacentos, sulcados pelas rodas dos carros, e nas terras baixas viam-se ainda as aguas da chuva empoçadas e cobertas de limo. O céu era de um azul crystallino, a atmosphera muito limpida; e, ao meio dia, quando o sol cahia d'alto nos prados, até parece que as roxas previneas, as flores amarellas do trevo e as margaridas, retraiam as corollas ao peso abafadiço do calor! Nos ramos folhudos dos carvalhos e dos pecegueiros, que já floreciam, os melros assobiavam alegres, e no fundo azul do firmamento destacavam-se duas borboletas brancas, que voavam d'entre os silvados, subindo, subindo sempre, a tremer, n'um raio de sol doirado! Oh! era encantador!

O moleiro apenas escalou o muro tosco da bouça, parou um instante, collocando a mão sobre os olhos, como uma palla, para ver se lobrigava a filha. A distancia de trinta metros a estrada volteava para a direita. Uma copada deveza de sobreiros, ao fundo, não o deixava enxergar para alem. Por isso, foi continuando por ali fóra, apertando mais o passo, com os braços bamboleantes e a esbofar de calor.

D'um lado e d'outro, nos campos, fazia-se a lavoura. Duas juntas de bois castanhos, aguilhoados pelo lavrador, tiravam lentamente o arado, que ia levantando e revolvendo a leira. Áquem e além, no declive do monte, d'entre a verdura terra da enfesta, alvejavam as frontarias caiadas d'alguns casalejos, batidos do sol do meio dia. Era um calor de rachar!

D'um atalho, que ia dar á igreja, surgiu o sr. abbade montado na sua egua, oh! uma boa egua d'abbade, gorda, pacifica e mansa que nem uma ovelha. Sua reverencia vinha abrigado por um enorme guarda-sol de paninho azul, e o seu ventre redondo e farto oscillava pachorrontamente ao chouto pesado da cavalgadura.

— Ó José moleiro, chamou elle com voz de papo. — Eh! homem! Tu vaes á cata dos francezes?

O moleiro descobriu-se respeitosa-mente, e enxugando o suor da testa á manga da vestia, respondeu-lhe:

— Vou ver se topo a minha Thereza, que foi levar a fornada da outra banda, a casa da morgada.

O abbade, do alto da egoa, continuou:

— Vi-a hontem; e olha que está fera e bonita.

— Escorreitinha é ella, graças a Deus, disse o

José, seguindo ao lado o passo da cavalgada.

— E é moça de tino, proseguiu o padre circumspectamente, mas tem-me cuidado n'ella, que olha o demo, José, quando as arma, escolhe sempre do melhor, ouviste?

Mais adiante, ao passarem por um quinxoso, a cujo muro estava debruçada uma rapariga esguedelhada, com os braços pendentes para fóra, perguntou-lhe o abbade:

— Que é de teu pae, ó cachopa?

— Está a trabalhar nas obras do rio, sr. abbade, respondeu ella, córando.

O abbade esporeou a egua, e disse para si:

— Ellé é bem melhor ganhar o pão ao pé da porta, lá isso, não tem duvida.

— Pois quant'ê! — concordou o moleiro, acenando affirmativamente com a cabeça.

E continuaram ambos pela estrada, até a uma congosta, por onde o abbade meteu, deixando só o José moleiro.

O caminho agora descia, até ao rio, onde andavam as obras da ponte nova. Já de longe, se avistavam os trabalhadores.

Havia ali um grande movimento de gente. Por entre o tronco nu dos salgueiros, viam-se já as primeiras pedras do arco, subindo pelo *simples* de madeira, que se levantava d'uma á outra margem.

Uma fileira de mulheres e creanças passavam constantemente da draga do areial com cestos carregados á cabeça. Antes de chegar ao rio, a estrada apparecia toda coberta de cascalho, que reluzia á luz intensa do meio-dia.

Como as aguas tinham diminuido, aquella barca com linguetas levadiças á prôa e á pôpa, que servia de transporte, como uma jangada, no inverno, estava da outra banda, presa por amarras aos troncos de dois amieiros. As pessoas que tinham de atravessar o rio iam pelas alpondras desanegadas; mas quando acontecia apparecer uma cavalgada, então era preciso que os trabalhadores lançassem sobre as pedras duas pranchas largas, que serviam de passadiço.

Quando a filha do moleiro chegou ao rio e ia a metter o macho na agua, um dos homens, que alli estava, gritou-lhe:

— Não mettas o burro á agua, rapariga; olha que te afogas e mais elle. Espera que eu lá vou.

A rapariga soffreu o macho e esperou.

Ao aproximar-se o homem com a trave de pinho levantada ao alto, o macho espantou-se, empinou as orelhas, recuou de subito e, de um salto, atirou consigo e com a rapariga ao rio.

O trabalhador, que viu aquillo, principiou a gritar por socorro. Accudiram os outros; mas, quando chegaram, o macho tinha seguido para o meio, onde a corrente do rio era mais impetuosa e fazia redemoinho. A filha do moleiro caiu para o lado, estonteada do sobresalto e da sensação do frio; e os homens que lhe gritaram de terra viam-na seguir a cavalgada com a mão presa na extremidade do cabresto.

N'esse momento, um homem que corria, muito afflicto, pela vereda abaixo, logo que chegou á margem, atirou com o chapéu para a banda, e lançou-se de repente ao rio; mas apenas a agua lhe bateu pelo tronco, extremou todo, bracejou um instante e appareceu estirado á flor da agua, a boiar, com as faces róxas da congestão.

Quando [ia vêr as obras do rio — era esse o meu divertimento — façam idéa como eu fiquei!



MEDALHA CONFERIDA AOS EXPOSITORES PREMIADOS NA EXPOSIÇÃO DE ROSAS, NO PORTO



Sobre uma escada de mão, trazida como uma padiola, por quatro robustos trabalhadores do rio, vinha estendido de costas o pobre José moleiro, com a bocca entre aberta, os olhos vidrados e os labios róxos.

Mais adiante, a dez passos, no meio da aglomeração curiosa de homens, de mulheres e de creanças, que commentavam e lamentavam o caso, descobri a desgraçada Therezinha, morta, deitada sobre a terra, com a saia de chita collada ao corpo pelo peso da agua, deixando vêr o contorno juvenil dos seus membros inteiriçados.

Ao lado, o macho, a escorrer, com a cabeça



TINTEIRO QUE SERVIU NO ACTO DA ASSIGNATURA DA CONVENÇÃO DE EVORA MONTE

(Segundo um desenho de L. Vermell)

pendida e os grandes olhos fitos no chão, estava n'aquelle doloroso abatimento, em que deve precisamente ficar um homem, depois de se lhe ter disparado a espingarda contra o peito de um amigo!

E até parece que, diante d'aquelle quadro funebre, os salgueiros do rio, debruçando-se melancolicos sobre as aguas, entoavam, balouçados pela aragem, uma vaga lamentação de tristeza!

Ao passar, alta noite, pelo atalho da azenha, ouvia-se lá dentro o ruido tremulo da mó, o marulho triste da levada; e, como fazia um luar de primavera, vi destacar-se claramente no fundo azul do céu, agachada sobre o esgalho nodoso de uma figueira, que ficava ao lado — em vez do alegre rouxinol, que alli cantava todas as noites — uma coruja muito grande, a piar, a piar...

ALBERTO BRAGA.

BIBLIOGRAPHIA

INDUMENTARIA HESPAÑOLA. — O titulo d'esta obra, revela a sua importancia. No estado actual das sciencias

historicas, não se pôde prescindir do conhecimento de tudo o que interessa directa ou indirectamente a vida, o caracter, o modo de ser, de sentir, de julgar, de executar das gerações que foram. Cada época tem o seu cunho especial que se acha impresso nos seus monumentos litterarios e architectonicos, nas creações da escultura e pintura, nos seus moveis, seus trages, seus objectos de adorno, em geral em todo o conjunto sumptuario, assim como nas peças de armaria. A propria falta de noções exactas da chamada *côr local* que possuía a idade media, faz com que as suas produções artisticas de todo o genero nos ministrem documentos preciosos, para reconstruirmos parte do seu modo de viver. Mas que difficuldade não encontraria o historiador, o romancista, o poeta, o pintor, o escultor, o architecto, enfim todo aquelle que quizesse reproduzir nas suas creações a verdade de qualquer quadro do passado, se para

cada pagina tivesse que percorrer as velhas cathedraes, as casas, os castellos meio derrocados, e compulsar documentos quasi inintelligiveis. D'aqui a grande conveniencia de obras da natureza, da que temos presente, onde tudo se compendia e tem a sua época assignalada. A França, Inglaterra, Italia, Allemanha, etc., tem vastas publicações d'este genero assás conhecidas. A Hespanha algumas tem; umas, monographias especiaes, outras, resenhas geraes. Ha poucos annos se publicou a *Iconographia* de Carderera que preencheu uma lacuna relativa principalmente á reprodução das effigies e retratos das grandes figuras da sua historia; agora a *Indumentaria* vem completar o quadro, pois n'ella se representa tudo o que é relativo ao traje, decoraçào, mobílias, armaria, etc. É garantia sufficiente da sua perfeita execuçào o nome do artista aragonez D. Francisco Aznar, a quem o governo da nação visinha incumbiu a direcção da grande obra dos *Monumentos architectonicos de Hespanha* com cujo estudo elle redobrou a somma dos conhecimentos artisticos e archeologicos já adquiridos, do que é notavel prova a execuçào conscienciosissima do primeiro fasciculo. A obra além d'isso acompanhada de indices e de catalogos nas linguas franceza, ingleza, allemã, italiana, hespanhola e portugueza, que formará dois grossos volumes de folio grande, será no fim completada por um volume explicativo dado como brinde aos assignantes.

Vimos, por vergonha nossa, que a *Iconographia* de Carderera não obteve uma unica assignatura em Portugal; ao menos a obra de Aznar, já conta a assignatura da nossa Academia de Bellas Artes, que comprehendeu a grande importancia d'ella; oxalá este exemplo não fique singular, e já que não possuímos, nem possuiremos talvez tão cedo uma *Iconographia portugueza*, possamos ao menos nas nossas bibliothecas consultar as extranhas, e especialmente esta que mais util se nos pôde tornar.

Assigna-se na administração d'este periodico.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA. — Publicação feita pelo sr. Ernesto Chardron do Porto. Varios jornaes já tem publicado extractos d'este boletim, e por isso já de todos é conhecida a sua importancia pelas noticias interessantes e curiosos artigos de critica que insere. É um trabalho util, instructivo e indispensavel.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Vê-se o diabo de botas corre a cidade inteira.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMENT FRÈRES TYP. LISBOA

6, Rua do Thezouro Velho, 6